

*ONDE ESTÁ TEU CORAÇÃO?*  
**UMA POÉTICA DA INQUIETUDE E DA LIBERTAÇÃO**  
**NA FICÇÃO DE SYLVIA ARANHA**

Álvaro Jardel Conceição S. de Oliveira<sup>1</sup>

Marlí Tereza Furtado<sup>2</sup>

Luís Heleno Montoril Del Castilo<sup>3</sup>

## RESUMO

O presente artigo é uma primeira versão introdutória da tese “Onde está teu coração? Uma poética da inquietude e da libertação na ficção de Sylvia Aranha”, defendida em agosto de 2020 pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. No estudo, investigamos de que forma o apelo do mundo precedeu a literatura de Sylvia Aranha de Oliveira Ribeiro (1930) e, ao mesmo tempo, constituiu sua personalidade literária, resultando na formação de uma literatura escrita por alguém que viveu e se inquietou com a realidade amazônica tomada como destino. Para tanto, como recorte desse objetivo maior, escolhi investigar a *inquietude* e a *libertação* como duplo que gera a poética da escritora, tendo por base a análise e interpretação de sua prosa de ficção. Ele teve como base teórica uma teoria comparada numa perspectiva interdisciplinar em que o contexto, o tempo e o espaço escapam à construção de uma linearidade universal e universalizante na literatura e em outros campos do conhecimento, nos obrigando a diferentes movimentos, desde o teórico, passando pelo documental e chegando ao estético. O procedimento metodológico o qual tomei, se deu a partir da constatação de que os temas gerais tomados por Sylvia Aranha são de ordem filosófica, o que me levou a percorrer o caminho do *nexo entre literatura e filosofia*. O estudo me permitiu concluir que a vida e a literatura da escritora Sylvia Aranha, ou seja, sua experiência ontológica e a expressividade da sua palavra escrita trazem novos significados ao campo literário brasileiro, em especial, ao de expressão amazônica.

**Palavras-chave:** Sylvia Aranha; Ficção; Amazônia; Inquietude; Libertação.

## INTRODUÇÃO

A versão do estudo que ora apresento, teve como objetivo compreender de que forma o apelo do mundo precedeu a literatura de Sylvia Aranha de Oliveira Ribeiro (1930) e, ao mesmo tempo, constituiu sua personalidade literária, resultando na formação de uma literatura escrita por alguém que viveu e se inquietou com a realidade amazônica tomada como destino e não apenas espaço de contemplação.

---

1 Doutor em Letras e Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (Autor principal).

2 Profª. Doutora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (Orientadora).

3 Prof. Doutor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (Coorientador).

Para tanto, como recorte desse objetivo maior, escolhi investigar a *inquietude* e a *libertação* como duplo que gera a poética da escritora, tendo por base a análise e interpretação de sua prosa de ficção formada, ao todo, por quatro romances, a saber: *O encontro das águas* (1998; 2011), *Comandante Lourenço* (2006), *Francisca e a utopia da liberdade* (2010) e *Batalha Naval de Itacoatiara... onde o Sul se encontra com o Norte* (2014).

A investigação pode ser justificada a partir de algumas perspectivas que foram se expandindo ao longo da pesquisa exploratória e da pesquisa propriamente dita no campo literário. A primeira delas foi o encontro com a escritora Sylvia Aranha que se deu pelos idos de 2013, período em que estava escrevendo minha dissertação de mestrado em Sociologia<sup>4</sup>. Naquele momento, já tinha conhecimento de sua escritura dos gêneros historiográfico e memorialista. Porém, não sabia que, em distintos momentos, ela também teria oscilado para a escrita de romances. Com esse dado, percebi que a formação de Sylvia Aranha como escritora era vasta, ampla e, portanto, plural. Tal característica aguçou minha curiosidade e me fez imaginar um projeto que viabilizasse a entrada nas veredas dos estudos literários, tendo como questão: compreender a composição dos diferentes gêneros escritos por ela.

Tempos depois, inserido no programa de pós-graduação em Letras, de forma processual, fui assimilando que sua criação artística se dava através da perscrutação da interioridade semi-obscura das suas personagens, em geral, inseridas nas narrativas desde a perspectiva do “problema da libertação”. Ao longo das trajetórias nas tramas essas personagens cindidas, interna e conjunturalmente, recuperam a noção de totalidade a partir da libertação dos seus dramas interiores. E aqui se abre a segunda perspectiva a qual se tornou argumento para a justificativa da pesquisa.

A terceira perspectiva que me auxiliou é um elemento conjuntural. Conforme reconhece a Profa. Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira e demais pesquisadores que compõem o projeto de pesquisa “Literatura no Amazonas: 1954-2010”, a história da literatura no Amazonas tem sido escrita aos poucos (2017), bem como, a crítica das escritoras/os e suas obras. Enxergar e reconhecer a necessidade e a importância de se desenvolver pesquisas; elaborar e publicar textos dessa natureza sobre a obra de autoras como Sylvia Aranha, cuja trajetória de vida e criação ainda se revelam desconhecidas para o grande público, em si já se mostra de grande valor para a academia e para além dela.

Na historiografia da literatura do Amazonas, a obra romanesca de Sylvia Aranha está localizada temporalmente na década de noventa e nas primeiras décadas do século vinte e um. Ou seja, mais de

---

<sup>4</sup> OLIVEIRA, Álvaro Jardel de Oliveira. **O Rio, o Anel e a Estrela: Interfaces Socioantropológicas do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Estado do Amazonas**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto de Ciências Humanas e Letras. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2015.

vinte anos nos separam da sua estreia como romancista e somente agora é que surge no seio da academia um estudo preocupado em compor uma análise literária tomando o conjunto dos seus romances. Portanto, este trabalho acadêmico foi uma crítica literária inaugural, fato em si que justifica a importância da empreitada desenvolvida.

## REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA

No estudo, considerei como base teórica uma teoria comparada numa perspectiva interdisciplinar em que o contexto, o tempo e o espaço escapam à construção de uma linearidade universal e universalizante na literatura e em outros campos do conhecimento, nos obrigando a diferentes movimentos, desde o teórico, passando pelo documental e chegando ao estético, uma vez que um dos intentos da pesquisa foi a compreensão das engrenagens da gênese da obra literária e da criação em Sylvia Aranha.

Para isso, iniciei a construção do percurso teórico refletindo sobre uma questão básica proposta por Quentin Skinner (1969), e que Bastos (2007) retoma, como ponto de partida para o estudo da produção de determinado autor e/ou autora: “*qual procedimento adequado a adotar para se chegar ao entendimento de sua obra?*”. Provocado por essa questão inicial, tomei *o texto ficcional* como “objeto empírico do trabalho literário”, adotando a visão conceitual que concebe a literatura como *um sistema simbólico*, conforme Antonio Candido (2000):

[A literatura] é um tipo de comunicação inter-humana que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contacto entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade (CANDIDO, 2014, p. 25).

Estudar determinada obra literária, tomando-a como um *sistema simbólico* me exigiu olhar para sua escritora como uma pessoa ligada a determinada realidade cultural que imprimiu nela formas próprias de ser e de estar no mundo, o que implicou também numa maneira muito própria que se reflete na escrita. Por isso, verifiquei que cabe ao pesquisador dos estudos literários uma dupla tarefa: averiguar a densidade do contexto cultural de cada escritor e escritora e identificar em que medida essa densidade forma “a sua integridade estética” (CANDIDO, 2014).

A ficção da autora considerada também me fez pensar em algumas ideias para conceituar literatura. Nesse caso, a literatura em Sylvia Aranha pode ser tomada como a expressão de uma *pedagogia da palavra imaginada*, por conduzir o leitor a imaginar uma realidade onde os sujeitos que ainda não possuem lugar no discurso serem conduzidos a um território de latências possíveis e de

imagens de si reinventadas. Também como *discurso da práxis*, pois provoca no leitor a reflexão e a ação criativa sobre a realidade, em vista de sua transformação, começando pelo próprio discurso literário.

Tomando como ponto de partida essa conceituação e com a leitura e a releitura dos romances que constituíram o corpus empírico da pesquisa, percebi que a atenção da autora recaía na interioridade das personagens, eixo que faz a narrativa ganhar movimento. Ao centrar a atenção no interior das personagens, Sylvia Aranha nos faz deparar com um conjunto de temas, imagens e afetos. Dentre eles, chamou atenção a maneira como os seus protagonistas carregam uma *inquietação* que serve como mote para todo o desenrolar da trama na qual estão envolvidos. Outro ponto que identifiquei, é que a intriga a qual envolve esses mesmos personagens protagonistas, direta ou indiretamente, se vincula ao “problema da libertação”.

Duas temáticas, um duplo – a inquietude e o problema da libertação – que num primeiro momento achava que tivessem sido consideradas desde a influência de outros textos e autores. Nesse caso, respectivamente, *Santo Agostinho* (354 d.C. – 430 d.C.) e *Paulo Freire* (1921-1997). Mas, ao aprofundar a análise e interpretação das obras, percebi que a escritora tomava essas referências de outra forma, ou seja, pela *diferença* (SANTIAGO, 2019). Ela se apropriou da *tradição interior*, começada por Santo Agostinho, bem como, dos elementos que compõem a *Pedagogia da libertação* freiriana, como *textos primeiros* para imaginar e fazer ver, pelos olhos da imaginação, outras realidades e, assim, criar um *segundo-texto*, este ficcional.

A atitude criativa de Sylvia Aranha me levou a pensar que tanto sua posição de artista, como sua obra, estavam no *entre-lugar* do discurso literário latino-americano (SANTIAGO, 2019), por se firmarem a partir do “desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e mutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo” (Idem, p. 17). Por isso, julguei importante adotar no estudo as categorias da *diferença* e do *entre-lugar* para compreender o modo como Sylvia Aranha se apropriou do universo de autores, a exemplo de *Santo Agostinho* e *Paulo Freire*, para compor seu universo ficcional.

Das confluências oriundas da psicologia das personagens, do plano da arquitetura de cada romance e do espírito de sua criadora se conjugam aspectos fundamentais da concepção do mundo ficcional sylviano quando abrimos um guarda-chuva, cuja estrutura é formada pelo duplo poético: inquietude e libertação. Dele vemos surgir aspectos que fazem a ação romanesca ser esquematizada, como: introspecção, identidade, alternância temporal, vida-morte, liberdade, amor, esperança, utopia, procura de Deus, agonística, violência, reconhecimento.

Tal constatação me levou a adotar categorias analíticas que dessem conta de explicar de que maneira se ligam a configuração da obra e a posição da artista, e, ao mesmo tempo, a olhar esses elementos em separados. Para isso, me aproximo de duas técnicas e imagens retiradas das artes plásticas: a *dobradiça* e a *colagem*.

*Dobradiça* é a expressão empregada por Silviano Santiago para a composição dos seus personagens<sup>5</sup>, não como um conceito estilístico, mas como um método de compor, cuja inspiração vem de duas obras das artes plásticas: os *Bichos*<sup>6</sup>, da neoconcretista Ligia Clark<sup>7</sup>, e as *Poupées*<sup>8</sup> (Bonecas) do surrealista Hans Bellmer<sup>9</sup> (SANTIAGO, 2015). Ao atribuir dobradiças aos seus personagens, Santiago deseja que eles destranquem e abram aquilo que está reprimido em seus corpos e espíritos. Mas para isso, eles, os personagens, precisam ser constituídos por eixos e dobras, para que assim possam ser montados e remontados no interior das tramas nas quais estão envolvidos.

Convertida em categoria de análise, a *dobradiça* nos auxilia na compreensão tanto dos personagens como da estrutura do enredo dos romances de Sylvia Aranha. As *dobradiças* são a manifestação das possibilidades adormecidas (e quem sabe reprimidas), que vão sendo liberadas e realizadas no interior de cada enredo. Essa liberação se realiza graças à introdução de ações, fatos, sentimentos, ideias ou mesmo a conversão estilística de uma poesia em prosa. Uma vez introduzidas, as *dobradiças* vão caracterizar a forma das personagens, bem como, a estrutura dos romances, tornando-os maleáveis para que o leitor também assuma sua participação na interação com a obra, imaginando outros destinos para a trama e seus personagens.

Em relação à categoria *colagem*, se constituiu como outra imagem ou técnica tomada do universo das artes plásticas. Dessa vez, são as *colagens* do escritor e poeta Ferreira Gullar<sup>10</sup> que me ajudaram a explicar o procedimento de Sylvia Aranha, quando adota os fatos históricos como ponto de partida do enredo de parte dos seus romances. No caso, o ponto de vista do real ou histórico é *colado* em sua ficção, se revelando como o avesso de estruturas em que vão figurar outro discurso já não mais apenas histórico e/ou somente ficcional. Como as peças que formam as *colagens* de Ferreira Gullar<sup>11</sup>, essa hibridação composicional de Sylvia Aranha, resulta da colagem textual em que diferentes peças oriundas do discurso da história vão se colando ao discurso ficcional e vice e versa.

Também é importante dizer que nos valem da *dobradiça*, da *colagem* como categorias de análise e do conceito de *entre-lugar* para pensarmos as camadas da personalidade literária de Sylvia Aranha, não encerrada totalmente na progressão e no ordenamento do tempo e do espaço, assim como,

---

<sup>5</sup> Conferir: SANTIAGO, Silviano. **Stella Manhattan – Romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

<sup>6</sup> 1960.

<sup>7</sup> Nasceu em Belo Horizonte/MG em 23 de outubro de 1920 e faleceu no Rio de Janeiro em 25 de abril de 1988.

<sup>8</sup> 1935-1936.

<sup>9</sup> Nasceu em Katowice/Polônia no dia 13 de março de 1920 e faleceu em Paris/França no dia 24 de fevereiro de 1975.

<sup>10</sup> O escritor, poeta, crítico de arte, biógrafo e artista plástico Ferreira Gullar, pseudônimo de José de Ribamar Ferreira nasceu em São Luís do Maranhão no dia 10 de setembro de 1930 e faleceu no Rio de Janeiro no dia 04 de dezembro de 2016.

<sup>11</sup> **Ferreira Gullar: A Revelação do Averso**. Aprazível Edições e Arte, 2014.

o todo de sua identidade. Nesse sentido, as questões formuladas para o estudo foram as seguintes: de que forma Sylvia Aranha figura sua obra ficcional pela diferença e no entre-lugar do discurso literário, criando uma realidade a partir do estado de inquietude dos seus personagens e do problema da libertação? De que modo inquietude e libertação desenvolvem sua narrativa?

Para tanto, o procedimento metodológico o qual tomei se deu a partir da constatação de que os temas gerais tomados pela escritora são de ordem filosófica – inquietude, libertação, vida, morte, identidade, reconhecimento, interioridade, contemplação, ação, liberdade, utopia, agonística, opressão, “o cotidiano e as coisas”, a procura de “Deus e a existência humana” (NUNES, 1995), para citar apenas algumas dessas temáticas.

Sendo assim, me perguntava de forma recorrente, qual caminho deveria tomar na crítica literária em que pudesse transitar respeitando a manifestação da ordem do discurso ficcional sylviano (FOUCAULT, 1996), e ao mesmo tempo, oferecer uma leitura e interpretação de sua poética, já sabedor que esta trajetória narrativa tomava pela diferença temas da filosofia neoplatônica, filosofia da existência, filosofia e pedagogia da libertação, filosofia da história e até mesmo temas filosóficos pós-coloniais (BHABHA, 2013)?

Lendo, meditando e escrevendo cheguei à conclusão que *o hibridismo crítico* de Benedito Nunes (2009), poderia ser o caminho tomado para a análise e interpretação da economia ficcional de Sylvia Aranha. Ou seja, estabelecendo o *nexo entre literatura e filosofia*, o exame das relações entre esses dois campos do conhecimento me fizeram enxergar e identificar os possíveis significados da mensagem estética sylviana.

Um método borrado, trans-fronteiriço, de relação transacional, também situado, dobrado e colado no *entre-lugar* do discurso, conforme nos esclarece o próprio inventor do caminho, o Prof. Benedito Nunes: “um tipo híbrido, mestiço das duas espécies. Literatura e Filosofia são hoje para mim, aquela união convertida em tema reflexivo único, ambas domínios em conflito, embora inseparáveis, intercomunicantes” (NUNES, 2009, p. 24).

Neste caso, Filosofia “designa seja o pensamento, de cunho racional, seja a elaboração reflexiva das concepções do real e de seu conhecimento respectivo” (NUNES, 2010, p. 1). Já a Literatura é designada como um tipo de “comunicação inter-humana” e “sistema simbólico”. Já o discurso literário latino-americano é considerado um *lugar* e um *não lugar* porque está *entre*: o sacrifício e o jogo; a prisão e a transgressão; a submissão ao código e a agressão; a obediência e a rebelião; a assimilação e a expressão; “ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu tempo e seu lugar de clandestinidade, ali (no entre-lugar) se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana” (SANTIAGO, 2019, p. 29).

Nesta metodologia, *filosofia e literatura* foram postas numa relação transacional. Colocadas em movimento de ir e vir de uma a outra, embora suas identidades sejam preservadas. Uma relação de

proximidade na distância, ocupando o espaço das bandejas de uma balança em que ambas possuem o mesmo peso de análise, sem que uma deseje ocupar o lugar da outra. Mirei Sylvia Aranha como um ser de imaginação que faz projetar seu mundo nas letras pelo diálogo com a filosofia. Partindo da compreensão das ideias, ela refaz o pensamento e o conduz a se manifestar como texto literário, este tornado, ao longo do processo criativo, como um caminho pedagógico e uma “inclinação didática” (NUNES, 2009). Mas vale ressaltar que bem antes de acessar o mundo das ideias e constituir o mundo do texto literário, a escritora se vale da sua experiência pessoal, histórica e cultural, em vista de expandir para dentro do texto literário “sua interpretação compreensiva de si mesmo como ser no mundo” (NUNES, 2010, p. 17).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse sentido, tomei o estudo dos seus quatro romances combinando dois momentos, um analítico e outro interpretativo, conforme Candido (2014). No momento analítico, fiz o mapeamento dos elementos que, na estrutura de cada obra, se manifestam como objetos de conhecimento, tais como: a linguagem, os diálogos, a maneira de se descrever, narrar e dissertar, a técnica de estruturação dos capítulos, a caracterização das personagens. No momento interpretativo, indaguei a validade da obra e sua função como síntese e projeção da experiência humana, considerando: os temas, os motivos condutores da trama, a figuração das personagens, a cosmovisão da criadora, os problemas psicológicos, as questões filosóficas, as ideologias, a temporalidade, o espírito da trama, a composição, o estilo, as imagens.

Uma vez reunidos os dados oriundos dos momentos descritos, estabeleci um quadro geral que culminou numa *constelação* (BENJAMIN, 2012), em que figuras específicas foram surgindo, graças aos hiatos entre o duplo inquietude e libertação. São eles que foram alinhavando e configurando as ideias os quais foram dando corpo a pesquisa, sobretudo, quando os próprios conceitos já apontados não foram capazes de lhes oferecer uma forma (MARTINS, 2020).

A eleição do tema da inquietude dos protagonistas e do envolvimento de suas trajetórias na perspectiva da libertação como elementos centrais da análise, me levou à compreensão de que esse duplo constitui o caminho, a chave de leitura e o modo de interpretar o discurso literário da escritora considerada. Sendo a inquietude e a libertação temas filosóficos, é possível pensarmos que “a obra estudada também pode oferecer um ponto incisivo de esclarecimento filosófico” (NUNES, 2009, p.29). Deles extraí *as séries* “da formação efetiva do discurso” e seu “poder de afirmação”, como elementos norteadores de sua economia ficcional. Séries que expandiram o texto crítico em que mostro o modo como a poética de Sylvia Aranha entra na filosofia e, sobretudo, como esta entra no seu discurso ficcional (Idem).

Como resultado desta operação, o estudo foi dividido em duas (2) seções formadas ao todo por seis (6) capítulos. A Seção I – *Da Vita Activa ao Romance* – é formada pelos dois capítulos iniciais, respectivamente, intitulados de (2) *Subterrâneos* e (3) *Margens*. Já a Seção II – *Inquietude e Libertação: Uma concepção do mundo poético de Sylvia Aranha* – é constituída pelo estudo crítico dos quatro capítulos restantes, a saber: (4) *Janelas*, (5) *Amurada*, (6) *Entardecer* e (7) *Norte e Sul*. Os títulos sugeridos para os capítulos correspondem ao *entre-lugar* em que, especialmente, cada protagonista sylviano se encontra travando seu embate existencial e são respostas a pergunta perscrutadora do título da tese: *Onde está teu coração?*

É possível notar uma espécie de ziguezague e de mosaicos na construção dos capítulos que nos dão a impressão de certa descontinuidade entre eles. A impressão não é incorreta e foi intencional, considerando minha hospedagem no pensamento do filósofo Walter Benjamin (1892-1940) e tomando o hibridismo crítico entre filosofia e literatura, “a estética formalmente descontínua dos textos assume uma fisionomia próxima a das constelações”. *Constelação* que também assumiu no projeto categoria conceitual e de operação metodológica (MARTINS, 2020, p. 2). Esse proceder revela o olhar que fui dispensando enquanto crítico para os romances de Sylvia Aranha.

Nesse sentido, em *Subterrâneos* e *Margens*, elaborei a perspectiva analítica entre a *grafia-de-vida*<sup>12</sup> da autora e composição literária, focado, especialmente, nos acontecimentos de sua vida que criaram as condições de existência para a escrita literária surgir. Ou seja, estabeleci a leitura dos seus textos literários como textos em construção semelhante a experiência da vida que não é dada, mas construída. A partir dessa perspectiva constatei que o percurso literário de Sylvia Aranha se fez no caminhar de sua experiência própria de mundo. Ao chegar à Amazônia, ela não tinha em mente um projeto para se tornar escritora. Na verdade, pretendia apenas viver os propósitos da vida missionária no serviço ao povo amazonense.

No espaço do interior, entre as margens reais do rio Amazonas, em meio as situações limites, ela se enraizou e absorveu o mundo amazônico de modo mais profundo. Mas é partindo dessa maleabilidade do ser, que a identidade (do ser) da escritora Sylvia Aranha não se constituiu como fixa, mas mutável e aberta aos imprevistos da própria vida. E, justamente, essa identidade fluída e, em movimento, é que lhe permitiu acumular uma somatória de experiências concretas, formando sua concepção de mundo, tendo a Amazônia como referência central. Após várias travessias realizadas, ela

---

<sup>12</sup> Sobre a categoria *grafia-de-vida*, assim nos fala o Prof. Silviano Santiago: “Há todo um trabalho a ser feito sobre o modo como, desde o formalismo russo, a teoria literária recalca a questão da *grafia-de-vida* do autor na leitura do texto. [...] O importante seria começar por desconstruir, pela *fisiologia da composição*, o conceito de *literatunost* (literalidade). Retirar também o ponto de vista da leitura da obra a partir do texto (...) e alocá-lo ao momento em que o escritor *compõe* sua obra. Em outras mais singelas palavras: a leitura da obra literária pode se dar ao final do túnel da criação, ou à porta do túnel da criação. Ler um texto como acabado é bem diverso de ler um texto como em construção (SANTIAGO, 2020, p. 88. Itálicos do autor).



conseguiu compor seu imaginário a partir do conhecimento oriundo da reflexão sobre a prática. Com isso, fez da própria experiência, do vivido, do que observou do mundo o ponto de partida para escrever.

Em *Janelas*, acompanhamos a trajetória da protagonista *Dileta Moara*, partindo do seu estado de inquietude, caracterizado por duas questões: a negação das origens que formaram sua identidade étnica e a busca por respostas sobre os motivos do assassinato do personagem *Lauro*, seu grande amigo. Constatamos que as etapas da vida de *Dileta Moara* se constituíram na própria figuração da práxis de uma filosofia e pedagogia libertadoras, uma vez que ela descobre e se conscientiza que carrega em si os traços do “hospedeiro opressor” e, ao mesmo tempo, busca se libertar dessa condição, por intermédio do processo dialógico construído, sobretudo, a partir da dimensão do encontro e do espaço da educação formal.

Em *Amurada*, encontramos as memórias da personagem-narradora *Carolina* a respeito do filho *Lourenço*, na trama, já desaparecido. O tempo, no romance, avança para o passado e os personagens estão em constante movimento. Por isso, a história se inicia no Rio de Janeiro, passa por Portugal e é finalizada com o trânsito dos personagens entre o Pará e o Amazonas.

Uma característica que chama atenção em *Comandante Lourenço*, é a alternância de vozes entre a narradora e o protagonista. Pela voz de *Carolina*, captamos sua preocupação convertida em inquietude: ao sentir o avançar do tempo de sua existência, teme o risco do esquecimento e, com isso, a impossibilidade de narrar as memórias sobre o filho. Já a voz de *Lourenço*, uma figura emblemática devido sua doação em favor dos excluídos (estrangeiros, ribeirinhos e indígenas), nos revelou seus anseios mais secretos: a busca por um pai, uma busca que acabou se configurando como transcendental.

Daí a constatação que o segundo romance de Sílvia Aranha, comparado aos demais, é o que mais se concentra na experiência interior e mística dos seus personagens. *Lourenço* é um místico não especulativo, pois empreende sua busca pelo sagrado de maneira ativa. Verifiquei que essa narrativa foi fruto de uma construção intertextual, pois sua autora toma as *Confissões* de Santo Agostinho, para fazer enunciar sua voz como escritora e, pela diferença, fazer ressoar a voz de *Lourenço* como um personagem contemplativo na ação.

No capítulo *Entardecer*, argumentei que a matéria do romance *Francisca e a utopia da liberdade* são os dados biográficos da sua protagonista, a manaó *Francisca*. Constatamos também que esse feito somente foi possível graças a culpa que caracterizava a inquietude do personagem narrador, *frei Anselmo*. Agindo injustamente no julgamento do pedido de reconhecimento da liberdade de *Francisca*, o sacerdote buscou reparar seu erro, a partir da penitência dada pelo seu superior: escrever a história de vida de *Francisca*, mas pela perspectiva da liberdade e não de sua condição de escravizada. No decorrer da trama, percebemos que a penitência se converte em missão para *frei Anselmo* e que o mesmo sentiu uma mudança de vida. Aos poucos, ele deixa a condição de agente da colonização para se tornar, simplesmente, o missionário a serviço dos oprimidos.

No romance, a relação dialética entre opressor e oprimido é superada, graças a inserção efetiva de *Anselmo* na “ciranda subterrânea dos oprimidos”. Ele se deixou sensibilizar e transformar por essa realidade e, ao mesmo tempo, procurou contribuir com sua transformação. Finalizo a análise apontando para o dado de que a vida de *Francisca* é narrada na medida de sua inquietude ao ansiar pelo reconhecimento de liberdade.

Em *Norte e Sul*, mostrei que numa primeira leitura, a trama desenvolvida em *Batalha naval de Itacoatiara* aparenta se afastar da experiência interior dos seus personagens, portanto, da temática da inquietude, uma vez que a história trata da ficcionalização de um fato histórico, a *Revolução Constitucionalista de 1932*. No entanto, os seus desdobramentos acabam por nos deslocar para essa dimensão interna centrada no protagonista *Francisco*, constituído como o herói histórico do romance.

*Francisco* é constituído herói desde o prosaico da vida no interior Amazônico. Tal deslocamento, me fez perceber que o romance deseja revelar outras formas de heroísmos e outras batalhas mais importantes do que aquelas que foram instrumentalizadas ideologicamente pelo Estado brasileiro. As verdadeiras batalhas apresentadas são duas: a luta contra o analfabetismo e a defesa dos meios de reprodução da vida nas várzeas do Amazonas.

Também observei que a trajetória de *Francisco* como herói se tornou catalizadora da própria trama, fazendo superar algumas dualidades (*norte versus sul; integração versus libertação*). Por isso, o caminho tomado pelo herói vai na direção da libertação, devido sua presença de ação crítica figurada no espaço da escola e da prática da educação libertadora. É nesse momento que as lacunas do tempo histórico são preenchidas pelo tempo presente da ficção, graças ao anacronismo possível da arte, especialmente, da literatura.

Destaquei também que somente em *Batalha Naval de Itacoatiara* é que ocorre a desopressão dos temas do sexo e do amor conjugal. O amor entre o par romântico *Francisco* e *Joana* tem começo, meio e fim. A nossa inquietude, enquanto leitores, é apaziguada, pois, finalmente, temos um final para o casal, já que nos pares formados nos romances anteriores, Sylvia Aranha deixou o destino dos casais em suspenso.

Por fim, a inquietude de *Francisco* se manifesta apenas no final do romance. Na verdade, ela foi figurada como “inconclusão”. Daí a afirmação de que o protagonista é um herói inconcluso, pois ele desejou buscar “ser mais”, avançando para as águas mais profundas, se engajando, de maneira radical, na luta contra o analfabetismo e na defesa dos meios de reprodução da vida na região do Arari, naquela altura, imaginada como uma esperançosa comunidade amazônica.

## CONCLUSÃO

O estudo me permitiu concluir que a vida e a literatura da escritora Sylvia Aranha, ou seja, sua experiência pessoal e a expressividade da sua palavra escrita trazem novos significados ao campo literário brasileiro, em especial, ao de expressão amazônica. Ela, entre as tantas dobradiças do seu corpo e do seu espírito, se tornou uma intérprete contemporânea da Amazônia, ao figurar *outras ideias*, pela escritura literária, sobre a vida neste vasto território geográfico e simbólico. Busquei mostrar como essa mulher se definiu enquanto escritora sabendo que em nenhum momento ela teve esse fim como objetivo de vida. Sylvia Aranha pertence a uma geração de escritoras, cuja tarefa de *escrever vem depois do desejo de prestar serviço*. Fechar os olhos para esta constatação seria aleijar a própria trajetória que a constituiu, como artista das palavras e limitar os caminhos interpretativos que tomei neste estudo.

## REFERÊNCIAS

### ESPECÍFICA

- RIBEIRO, Sylvia Aranha de Oliveira. **Encontro das Águas**. Manaus: Editora Valer, 1998; 2011.
- RIBEIRO, Sylvia Aranha de Oliveira. **Comandante Lourenço**. Manaus: Editora Valer, 2006.
- RIBEIRO, Sylvia Aranha de Oliveira. **Francisca e a utopia da liberdade**. Manaus: Editora Valer, 2010.
- RIBEIRO, Sylvia Aranha de Oliveira. **Batalha naval de Itacoatiara: onde o sul se encontra com o norte**. Manaus: Editora Valer, 2014.

### GERAL

- AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Confissões**. Tradução: Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984.
- BENJAMIN Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.
- NUNES, Benedito. **O dorso do tigre**. São Paulo: Ed. 34, 2009a.
- NUNES, Benedito. **A clave do poético**. Organização: Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009b.
- NUNES, Benedito. **Ensaio filosóficos**. Organização: Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- SANTIAGO, Silvano. **Stella Mahattan, 30 anos de gastos improdutivos e conquistas supérfluas**. Suplemento Pernambuco. Recife: Cepe, 115, set. 2015.
- SANTIAGO, Silvano. **Uma literatura nos trópicos**. Recife: Cepe, 2019.